SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; FERNANDES JUNIOR, Antônio. Saber-poder em livros didáticos de biologia: métodos contraceptivos e a responsabilização da mulher. Dossiê Funcionamentos discursivos de livros didáticos e de materiais didáticos: possibilidades de análise e de trabalho. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 138-155, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

# SABER-PODER EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA: MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E A RESPONSABILIZAÇÃO DA MULHER

## *KNOWLEDGE-POWER IN BIOLOGY TEXTBOOKS: CONTRACEPTIVE METHODS AND WOMEN'S RESPONSIBILITY*

Luciana Aparecida Siqueira Silva[1]
Antônio Fernandes Júnior[2]

**Resumo:** Tomando o Livro Didático (LD) como artefato cultural, empreendemos um exercício de análise do discurso acerca do dispositivo da sexualidade, no que diz respeito à abordagem do tema métodos contraceptivos, em LD de Biologia do Ensino Médio aprovados pelo PNLD. Partimos dos questionamentos: quais verdades se produzem no e pelo LD de Biologia sobre os chamados métodos contraceptivos e sua utilização? O LD de Biologia funciona como um lugar de autoridade e de produção de verdades sobre a responsabilização da mulher com relação à contracepção? Há uma evidente a associação entre sexualidade e reprodução humana, com isenção de problematizações acerca da necessária distinção e aproximação entre estes conceitos. A responsabilização feminina está imbricada no discurso relativo aos métodos contraceptivos, com reforço do papel da medicina nesse processo de escolha.
**Palavras-chave:** dispositivo da sexualidade; livro didático; análise do discurso.

**Abstract:** Taking the textbook as a cultural artifact, we undertook an exercise in the discourse analysis about the sexuality device, in regard to the approaches of the contraceptive methods theme, in the Biology textbook from the High School which were approved by PNLD. We started from the questions: what truths are produced in and by the Biology textbook about the contraceptive methods and its use? Does the Biology textbook works as a place of authority and of truths production about women's responsability in regard to contraception? There is an evident association between sexuality and human reproduction, exempt from questioning about the necessary distinction and approximation between these concepts. The female's responsability is related in the discourse on contraceptive methods, with the reinforcement of the medicine's role in this choice process.
**Keywords:** sexuality device; textbook; discourse analysis.

## *Introdução*

> *Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1996, p. 44).*

[1] Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí, Doutoranda em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, luciana.siqueira@ifgoiano.edu.br
[2] Professor Doutor em Estudos literários pela FCLar/UNESP. Docente na Graduação e Pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Líder do Laboratório de estudos foucaultianos de Catalão (LEFGO). E-mail: tonyfer@uol.com.br

"*Abram o livro na página...*", essa afirmação, que pode assumir tom caricatural no que tange ao universo escolar, diz muito sobre um material didático amplamente divulgado, utilizado e aceito nas instituições de ensino em todo o país. Criado pelo Governo Federal em 1985 e aperfeiçoado em 1995, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD[3]) está relacionado à ideia da melhoria da qualidade da Educação Básica (EB[4]), considerando que o livro didático constitui um dos mais importantes suportes pedagógicos no trabalho do professor.

No desenvolvimento desse texto, serão analisados discursos relativos à responsabilização da mulher com relação à contracepção, presentes em Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio, uma produção que é constituída por redes discursivas de poder e verdades construídas socialmente, partindo-se do pressuposto que "[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder" (FOUCAULT, 2010, p. 12).

A temática "corpo humano e sexualidade" está inserida no currículo da EB, como conteúdo formal de ciências, ou como tema transversal[5], sendo abordada, especificamente no caso do Ensino Médio, pelos livros didáticos de Biologia, em capítulos referentes ao que se convencionou nomear como sistema reprodutor. Pesquisas brasileiras no campo da Educação, ancoradas no pensamento foucaultiano, a exemplo de Silva (2014), elucidam que os textos didáticos da área das Ciências da Natureza abordam o corpo humano como conteúdo obrigatório e nele, "[...] dentre outros ensinamentos, hábitos de saúde, os processos reprodutivos e sexuais alijados das experiências culturais e sociais dos diferentes grupos e segmentos de indivíduos que povoam a escola" (SILVA, 2014, p. 28). Essa ideia legitima a associação da sexualidade exclusivamente "com a reprodução, levando à convicção de que a educação sexual inclui apenas conteúdos afetos à Biologia e à fisiologia do aparelho reprodutor, e, é

[3] É um programa que tem como objetivo distribuir, gratuitamente, livros e materiais didáticos para todos/as os/as alunos/as, professoras e professores que atuam na educação básica da rede pública de ensino brasileiro.

[4] A Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio (BRASIL, 1996).

[5] Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998) "sugeriram Temas Transversais como campos disciplinares a serem perpassados em todas as séries, não como disciplinas, mas como assuntos necessários à formação de cidadãos e cidadãs" (FURLANI, 2008, p. 284).

consequência da negação do sexo como fonte de prazer" (SILVA; SANTOS, 2011, p. 4).

Na busca pela análise da abordagem do tema 'sexualidade' nos livros didáticos, existem diversas vertentes: aquelas que partem da verificação dos conceitos aceitos pela ciência (analisando, por exemplo, nomes científicos e terminologia anatômica); as que analisam o conteúdo dos textos (procurando ver se são coerentes); outras que buscam a relação entre representações imagéticas e textuais. No entanto, tais abordagens correm o risco de se limitarem à racionalidade técnica, deixando de lado o 'como' esse material faz sentido e como sua influência reverbera no contexto escolar. No tocante a esse tema, Guacira Lopes Louro chama atenção para um equívoco com que docentes encaram a discussão da sexualidade, pensando que "se deixarem de tratar desses problemas a sexualidade ficará de fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz" (LOURO, 1999, p. 80-81).

Olhando para a história da sexualidade a partir de Michel Foucault, a escola foi uma das instituições sociais em que o discurso da sexualidade se organizou e foi disseminado. Ao contrário do que muitos pensam, a instituição pedagógica não silenciou a sexualidade, "ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores" (FOUCAULT, 2007, p. 36). Dessa forma, no ambiente escolar, os locutores socialmente qualificados para a abordagem da sexualidade são os professores/as de Ciências e Biologia, com a temática circunscrita no discurso biológico. Por meio desse discurso para falar sobre sexualidade, a constituição biológica é legitimada como única possibilidade "[...] resumindo o tema aos sistemas genitais, universalizando os sujeitos como se eles compartilhassem os mesmos atributos biológicos independentemente de seus contextos históricos e culturais" (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 523).

Nessa perspectiva, é possível que pensemos no livro didático como produção cultural, o que se justifica pelo fato de que esses materiais "apresentam modos particulares de produção de significados e valores sociais e culturais, veiculam formas de organização da vida social, e, são endereçados a um público leitor principal – estudantes e docentes das escolas da Educação Básica" (RIBEIRO et al., 2017, p. 79). Pensando o livro didático dessa maneira, buscaremos desenvolver um exercício de

análise do discurso (doravante AD) acerca do 'dispositivo'[6] da sexualidade, no que diz respeito à abordagem do tema "métodos contraceptivos", partindo de alguns questionamentos: (i) quais verdades se produzem no e pelo livro didático de Biologia sobre os chamados métodos contraceptivos e sua utilização? (ii) o livro didático de Biologia funciona como um lugar de autoridade e de produção de verdades sobre a responsabilização da mulher com relação à contracepção?

*Apontamentos sobre Foucault e o discurso*

A Análise do Discurso Francesa, fundada por Michel Pêcheux e seu grupo, desde seu nascimento, no final dos anos 1960, se firmou na inter-relação entre o discurso, o sujeito e a história, delimitada pela junção das disciplinas Linguística, Materialismo histórico e psicanálise. Incialmente voltada para o estudo do discurso político, aos poucos a disciplina foi se transformando e revisitando os próprios conceitos e abordagens sobre os discursos, incorporando outros materiais de análise e grade conceitual. Trata-se de uma história já muito difundida e da qual não nos ocuparemos neste texto[7]. Nosso recorte recai sobre as contribuições de Michel Foucault para o estudo dos discursos que dialogam com as reflexões desse pensador, dentro de uma linha de estudos designada como Estudos discursivos foucaultianos[8].

Michel Foucault, embora não tenha criado um campo de estudos ou feito parte da fundação da Análise do Discurso Francesa, tem discussões muito profícuas para o estudo dos discursos, sobretudo aquelas formuladas no livro *Arqueologia do Saber* e outras publicações, cujo foco teórico-metodológico recai na caracterização e descrição da função enunciativa, na qual se interligam os conceitos de enunciado, discurso, formação discursiva, prática discursiva e arquivo. Estaríamos aqui dentro de uma perspectiva arqueológica de análise do discurso, cujo foco recai no estudo das condições históricas de possibilidades dos discursos, sua emergência (irrupção), relação como

[6] Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2010, p. 244)

[7] Para maiores informações, ver Gregolin (2004), Maldidier (2003).

[8] Referimo-nos ao Grupo de Trabalho "Estudos discursivos Foucaultianos, cadastrado na Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Para maiores informações, acessar o link: http://anpoll.org.br/gt/estudos-discursivos-foucaultianos/

outros discursos (domínio de memória), as posições de sujeito e demais conceitos. Por ser um livro de caráter reflexivo, *A arqueologia do saber* configura-se como um livro de passagem, pois ao refletir sobre as pesquisas que o antecederam (*História da loucura*, *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*) ele abre perspectivas para a fase genealógica da pesquisa do filósofo, na qual entram em cena os conceitos de dispositivo e relações de poder, dentre outros que compõem a chamada analítica do poder. Por esse motivo, estudiosos do discurso, que dialogam com esse pesquisador, utilizam-se da expressão "análise arquegenealógica dos discursos", cuja delimitação se pauta em verificar tanto a emergência quanto as estratégias de poder-saber que se inscrevem numa dada prática discursiva. Para os propósitos deste estudo, serão mobilizados alguns conceitos, conforme os 'ditos e escritos' de Michel Foucault, úteis para o exercício proposto.

*Terminologia em Foucault: algumas ponderações*

Alguns comentários, mesmo que breves, relativos à terminologia[9] em Foucault, serão tecidos, dada a importância da compreensão acerca de alguns pontos do pensamento foucaultiano, e considerando que "as questões terminológicas são importantes na filosofia. Como disse uma vez um filósofo pelo qual tenho o maio respeito, a terminologia é o momento poético do pensamento" (AGAMBEN, 2005, p. 9).

Em sua *Arqueologia do saber*, Foucault coloca o **enunciado** como um tema central para a análise do discurso proposta por ele. Conforme Veiga-Neto, o enunciado

> não é uma proposição, nem um ato de fala, nem uma manifestação psicológica de alguma entidade que se situasse abaixo ou mais por dentro do que ele fala. O enunciado nem precisa mesmo se restringir a uma verbalização sujeita a regras gramaticais. Assim, um horário de trens, uma fotografia ou um mapa podem ser enunciado, desde que funcionem como tal, ou seja, desde que sejam tomados como manifestações de um saber e que, por isso, sejam aceitos, repetidos e transmitidos (VEIGA-NETO, 2004, p. 113).

[9] Na presente seção do texto, serão apresentados termos destacados em negrito, que são sempre conceitos relativos ao pensamento foucaultiano.

Os enunciados, para Foucault, são "coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos e reproduzimos e transformamos" (FOUCAULT, 1987a, p. 138-139). Ao longo de seus ditos e escritos, o filósofo estabelece que o enunciado é considerado como a unidade elementar do discurso, o átomo do discurso; se localiza nos interstícios das frases, das proposições e dos atos de fala. Não se prendem aos componentes específicos que delimitam essas três designações, mas pode nelas se inscrever, desde que a frase, a proposição ou os atos de fala ganhem a condição de enunciados, ou seja, tenham uma existência concreta (de algo efetivamente produzido), estabeleça a possibilidade de assinalar posições de sujeito e que o enunciado tenham uma data, um suporte e um lugar. Os enunciados veiculam verdades e atravessam posições de sujeitos assumidas, entrelaçando-se a **vontades de verdades**[10], que são produções históricas e coletivas, historicamente produzidas, que atravessam os enunciados e os sujeitos que os assumem ou enunciam e posicionam.

Assim, entendemos que os enunciados, no caso da abordagem dos métodos contraceptivos nos livros didáticos de Biologia podem contribuir para a repetição de comportamentos normatizadores em determinados segmentos sociais e veicular verdades historicamente produzidas. Evidencia-se assim, o ponto central do pensamento de Foucault: as relações entre **saber** e **poder**, que circulam em todas as instâncias sociais, inclusive a escola. Saber e poder não se separam, são produzidos historicamente e atravessam o sujeito e os discursos.

Convém ressaltar nesse momento, que o poder é, também, um dos temas centrais nos ditos e escritos do pensador francês, acompanhado de diversas referências à noção de **resistência**. Em Foucault, a resistência é parte do poder e, ao resistir, não se destrói ou anula o poder, mas se contribui para que ele seja recriado. Ele tira a centralidade do poder do Estado, não o considerando como ponto de partida do poder, tomando-o como resultante de uma complexa rede de poderes que atravessam todo o social. Não sendo um pensador de utopias, não acreditou em formas de organização social perfeitas. Fez a história das formas de poder, de vigilância e de controle, tecendo críticas às organizações sociais, sem jamais idealizar uma sociedade sem lutas e conflitos

[10] A 'vontade de verdade' não deve ser entendida no sentido clássico de 'amor à verdade', mas sim no sentido de busca de dominação que cada um empreende, marcando e sinalizando os discursos por sistemas de exclusão. Para Veiga-Neto (2004), "tais sistemas definem o dizível e o indizível, o pensável e o impensável; e, dentro do dizível e pensável, distinguem o que é verdadeiro daquilo que não é." (p. 124)

envolvendo saberes e verdades. “Michel Foucault é da estirpe dos pensadores trágicos que encaram de frente a condição humana, como ela é, em seus limites e possibilidades, ambos em luta constante” ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p. 212).

Na sequência do pensamento foucaultiano, o “discurso constitui-se de um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1987a, p. 135). É tomado como objeto de desejo e de poder, sendo materializado pelos enunciados a partir das condições de possibilidades determinadas pela história. Desse modo, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Em *Arqueologia do saber*, Foucault evidencia que “os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas” (FOUCAULT, 1987a, p. 56)

Por tratar o enunciado como multiplicidade e considerá-lo como um nó em uma rede, e também, por explicitar que o discursivo mantém relações com o não discursivo (instituições, processos econômicos ou políticos etc.) pode-se dizer, de certo modo a discussão sobre os dispositivos de poder já estão anunciados na *Arqueologia do saber*. Os dispositivos são formados, conforme já indicado, por elementos heterogêneos entre si, e compreende os discursos. Não há dispositivo sem discurso e nem discursos que não se relacionem com um dispositivo. Por isso, Agamben (2005) propõe que a palavra **dispositivo** se constitua como um termo técnico decisivo no pensamento foucaultiano. Embora Foucault não tenha estabelecido uma definição mais acurada para o termo, dá algumas pistas, ao considerar que o dispositivo “está sempre inscrito em um jogo de poder [...]. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1984, p. 246). O estudioso de Foucault estrutura um breve resumo, em três pontos, tratando do dispositivo:

> 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos.
> 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
> 3) É algo de geral (um *reseau,* uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o

> que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (AGAMBEN, 2005, p. 9-10).

No volume 1 da *História de Sexualidade: a vontade de saber*, Foucault questionou a ideia da sexualidade como algo dado pela natureza, com verdades absolutas desveladas pelas ciências médicas e psicológicas. Formulou a noção acerca do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2017, p. 85), como mecanismo de regulação de corpos, comportamentos e produção de subjetividades, estabelecendo-se uma rede de saberes e poderes que se apropriam do corpo em sua materialidade viva. Ao longo de seu pensamento, Foucault procura mostrar como, ao longo dos séculos XIX e XX, no Ocidente, tal dispositivo atuou como elemento organizador e definidor de verdades nos sujeitos, produzindo efeitos de normalização e patologização relativas ao sexo. Em suas análises, destaca que corpos e práticas eróticas foram esquadrinhados com vistas ao estabelecimento da fronteira entre o normal e o patológico, fundindo os discursos médico, jurídico, psicológico e governamental. Desse modo, assevera que

> A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2017, p.115).

Essa crítica à patologização da sexualidade, atribuindo-a a instâncias médicas, jurídicas, governamentais e religiosas, servirá como pano de fundo à proposta de análise da temática "métodos contraceptivos" em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio. Desse modo, nos ancoramos na seguinte questão investigativa: como os saberes relativos aos métodos contraceptivos presentes nos livros didáticos de Biologia estão atrelados às relações de poder/saber?

*Livro didático de Biologia: o discurso sobre métodos contraceptivos*

A proposta de realizar um exercício de AD em torno do que é dito sobre métodos contraceptivos no livro didático (LD) de Biologia parte do pressuposto de que há influências desse material didático na construção de significados nesta etapa da EB.

A intenção aqui não é a de se explorar todas as concepções que envolvam a temática no LD, mas nos pontos em que seja possível estabelecer relações com as teorizações de Michel Foucault. Sobre o tema, importa ressaltar que

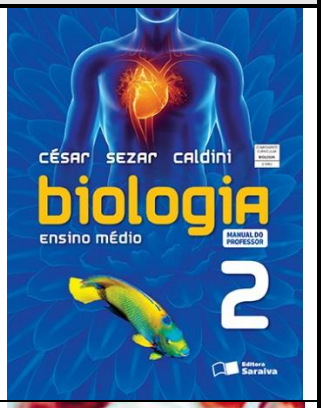
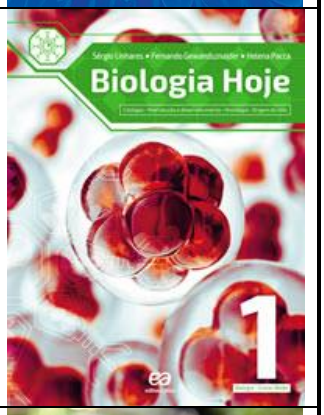
> dada a magnitude do PNLD do ponto de vista do investimento público e da capacidade de alcance a todas as escolas das redes públicas, estudantes e professores/as, os livros didáticos aprovados e distribuídos são materiais de interesse de pesquisas acerca do modo como propõem e abordam a temática da sexualidade e do gênero (SILVA, 2014, p. 36).

Desse modo, questionamos como o discurso sobre métodos contraceptivos no LD atua no estabelecimento de um modelo de conduta, ao qual indivíduos ajustam-se ao mundo não apenas natural, mas social e cultural, atravessado pelo currículo de Biologia. Nesse sentido, "a escola é uma instituição social que ensina modos de ser e estar na sociedade, portanto, ensina sobre corpos, gêneros e sexualidades" (RIBEIRO et al., 2017, p. 78).

A pesquisa[11] se desenha a partir da análise de quatro coleções de livros didáticos de Biologia do Ensino Médio, aprovadas pelo PNLD de 2018, com o recorte de um capítulo por coleção, especificamente o que aborda a temática relacionada aos chamados métodos contraceptivos. A escolha se deu pelo fato de que estas foram as únicas coleções presentes em todos os editais do PNLD de Biologia, desde sua criação, sendo as seguintes: *Biologia Hoje* (LINHARES; GEWANDSZNAJDER; PACCA, 2016), *Bio* (LOPES; ROSSO, 2016), *Biologia* (CALDINI; CÉSAR; SEZAR, 2016) e *Biologia Moderna* (MARTHO; AMABIS, 2016). Os títulos dos capítulos analisados em cada uma das coleções e especificados no quadro 1, evidenciam a ênfase à dimensão biológica da sexualidade nos referidos materiais, "numa clara tentativa de construção do sexo como algo meramente instintivo" (MACEDO, 2005, p. 135).

[11] Este estudo é parte do Projeto de Pesquisa "Saberes sobre corpo, gênero e sexualidades em manuais escolares/livros didáticos de biologia – Brasil/Portugal". Chamada universal 01/2016 - CNPQ/MCTI, coordenado pela Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Brasil.

**Quadro 1.** Especificação dos capítulos analisados em cada uma das obras

| TÍTULO, AUTORAS/ES, EDITORA | CAPÍTULOS | CAPA/VOL |
|---|---|---|
| **Biologia**<br><br>Nelson Caldini Júnior<br>César da Silva Júnior<br>Sezar Sasson<br><br>Saraiva Educação<br>12ª Edição - 2016 | **Cap 24:**<br>A reprodução humana |  |
| **Biologia Hoje**<br><br>Fernando Gewandsznajder<br>Sérgio Linhares<br>Helena Pacca<br><br>Editora Ática<br>3ª Edição - 2016 | **Cap 12:**<br>Reprodução |  |
| **Bio**<br><br>Sergio Rosso<br>Sônia Lopes<br><br>Saraiva Educação<br>3ª Edição - 2016 | **Cap 1:**<br>Reprodução e desenvolvimento embrionário humano |  |
| **Biologia Moderna - Amabis & Martho**<br><br>Gilberto Rodrigues Martho<br>José Mariano Amabis<br><br>Editora Moderna<br>1ª Edição - 2016 | **Cap 11**:<br>Reprodução humana |  |

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar as relações de poder disciplinar no âmbito da escola Foucault, em *Vigiar e Punir*, cita a escola como uma instituição de sequestro, como um local onde indivíduos têm seu espaço delimitado durante longos períodos, com o intuito de moldar, ou ainda, 'docilizar corpos' com o objetivo de manipular e disciplinar comportamentos. Desse modo, "o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, e o recompõe" (FOUCAULT, 1987b, p.119). Docilizar corpos refere-se ao fato de que o indivíduo aceita o saber proposto a ele, sem qualquer forma de reflexão ou crítica, instaurando-se sobre ele um poder disciplinar. No que se refere a poder disciplinar, Foucault afirma que

> A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência. Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1987b, p.119).

Pensando em como o LD pode exercer esse poder disciplinar com relação ao dispositivo da sexualidade, voltamos os olhares às representações imagéticas presentes nos LD analisados e para pesquisas anteriormente desenvolvidas, no que tange à reprodução humana. Nesse sentido, é possível perceber que "[...] invariavelmente nos deparamos com esquemas de ilustração dos sistemas genitais, masculino e feminino, seguidos da apresentação do ciclo menstrual, da fecundação, gravidez e parto" (SILVA, 2015, p. 6). Especificamente no que diz respeito aos métodos contraceptivos, o saber biomédico prevalece todas ambas as obras, com a utilização de imagens e referências que remetem claramente a materiais utilizados por instituições de saúde, sem mostrar relação com o exercício prazeroso da sexualidade (Figura 1). O que vemos são corpos fatiados, fragmentados e, especificamente no que se refere aos corpos com vaginas, o clitóris é invisibilizado, silenciando a possibilidade do prazer sexual para tais corpos.

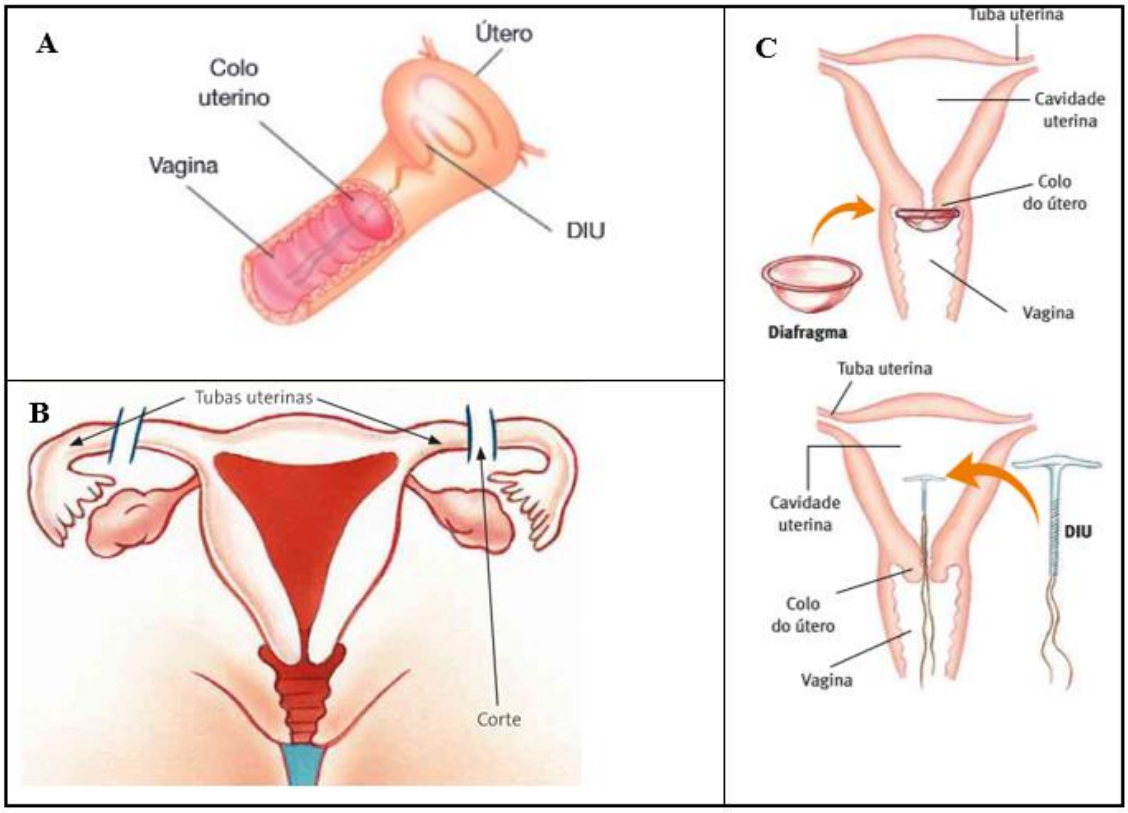



**Figura 1.** Ilustrações apresentadas, respectivamente por: A- (MARTHO; AMABIS, 2016, p. 218); B- (CALDINI; CÉSAR; SEZAR, 2016, p. 220); C- (LOPES; ROSSO, 2016, p. 21).

Aqui opera a biopolítica, por meio da qual "os mecanismos do poder dirigem-se ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada" (FOUCAULT, 2017, p.160). Nesse sentido, os incitamentos acerca dos cuidados preventivos contra a gravidez não planejada na adolescência nos livros didáticos podem ser identificados como mecanismos da biopolítica atuando, como pode ser observado nos excertos a seguir:

> O nascimento de um filho é um momento muito especial e traz consigo uma série de responsabilidades para as quais o casal nem sempre está preparado. Essa falta de preparo é comum principalmente entre os adolescentes [...] Mas antes o casal deve consultar um **médico**, pois alguns contraceptivos podem trazer riscos à saúde (LINHARES; GEWANDSZNAJDER; PACCA, 2016, p. 172, grifo da autora).

> Como fator importante no planejamento familiar, devemos conhecer os principais métodos anticoncepcionais. Algumas **religiões** impõem restrições a certos métodos e você deve procurar saber quais são, ouvir sua **família** e **médicos** para uma melhor orientação a esse respeito (LOPES; ROSSO, 2016, p. 19, grifo da autora).

No campo dos estudos da sexualidade, destaca-se a técnica de confissão como peça integrante do dispositivo da sexualidade, produzindo saberes sobre o sexo. "A confissão estabelece uma relação de poder, em que aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve interpreta o discurso, redime, condena, domina" (NAVARRO, 2018, p. 179). Ao considerar que não existe discurso neutro, destacam-se nos enunciados grifados acima: "religiões", "família" e "médicos", como instituições autorizadas a decidir como e quando será o momento mais adequado para a reprodução dos indivíduos. Dessa forma, tais corpos são orientados a se adequar às normas sociais vigentes, sendo o currículo e as práticas escolares perpassados por um entendimento específico, normalizador quanto à sexualidade, sendo "consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão [...] afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro" (LOURO, 2013, p. 45-46).

O cerceamento das condutas das juventudes, no sentido do estabelecimento da heterossexualidade compulsória[12] e de relações normativas, são maneiras de se interditar corpos, aprisionando desejos e patologizando condutas, num estabelecimento contínuo do que é normal e patológico, delegando-se o governo desses corpos aos saberes médico, jurídico e ao poder pastoral. "O corpo que aparece nos textos e aulas é, por conseguinte, fragmentado e biomedicalizado" (SILVA, 2015, p. 1). Os discursos, no material em discussão, se formam por um conjunto de enunciados oriundos do saber biomédico, e tem o suporte institucional vinculado a um sujeito autorizado a falar sobre o assunto. Essas instituições validam os enunciados (suporte institucional) que formam os discursos em tela.

Ao abordarem o chamado "método da abstinência periódica", os autores de uma das obras apresentam o seguinte texto:

> Consiste em evitar relações sexuais durante o período fértil. Para isso, a mulher precisa descobrir quando ele ocorre (em geral 14 dias antes da menstruação). Como o ciclo pode variar, é necessário determinar o dia da ovulação pelo acompanhamento diário da temperatura corporal ao acordar e do aspecto da secreção vaginal. Na época da ovulação, a temperatura aumenta cerca de 0,5°C, e a secreção vaginal fica pegajosa, parecida com clara de ovo. Para não engravidar, a mulher deve ter relação sexual no

[12] Heterossexualidade compulsória é um conceito que emergiu na década de 1980, no artigo "Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica", no qual Adrienne Rich, refere-se à heterossexualidade como uma "única forma considerada normal de vivência da sexualidade" (COLLING, 2015, p.24).

> mínimo 48 horas depois do dia da ovulação" (LINHARES; GEWANDSZNAJDER; PACCA, 2016, p. 173).

É possível a identificação do mesmo discurso nas demais obras analisadas, por meio de afirmações como: "a mulher deve saber que seu período de maior fertilidade é o mais próximo da ovulação, cerca de 3 a 4 dias antes ou depois dela (CALDINI; CÉSAR; SEZAR, 2016, p. 221) e "os hormônios femininos, em doses adequadas, podem agir impedindo a ovulação. Por isso, são os mais eficientes métodos anticoncepcionais reversíveis que existem até hoje, e sua indicação deve ser feita a critério médico" (LOPES; ROSSO, 2016, p. 20).

O enunciado não é imediatamente visível, nem inteiramente oculto. Assim, os excertos "para não engravidar, a mulher deve ter relação sexual no mínimo 48 horas depois do dia da ovulação" (LINHARES; GEWANDSZNAJDER; PACCA, 2016, p. 173) e "sua indicação deve ser feita a critério médico" (LOPES; ROSSO, 2016, p. 20), envolvem muito mais do que supõe uma coisa dita, colocam em jogo um conjunto de elementos discursivos. Nesses discursos está evidenciado o dispositivo da sexualidade de nossa época, trazendo à superfície significados relativos à responsabilização da mulher no que tange à contracepção. Fala-se aqui de um modo de existência da mulher, vinculando-a às funções reprodutivas, encerrando o "ser mulher" a um corpo, destinado a se reproduzir, o que está diretamente relacionado à reprodução de um padrão social em que homens não participam das decisões voltadas à procriação. Nesse processo de determinação do lugar destinado às mulheres, no que tange aos aspectos reprodutivos, "[...] um investimento significativo é posto em ação, uma vez que as várias instâncias sociais, atuam nesse processo, desempenhando um papel importante nessa complexa rede que (con)forma e governa os nossos corpos e as nossas vidas" (RIBEIRO et al., 2017, p. 78).

*Considerações finais*

Os saberes relativos aos métodos contraceptivos presentes nos livros didáticos de Biologia estão atrelados às relações de poder-saber, na medida em que verdades incontestáveis são colocadas na sociedade, compondo a cultura, em determinado tempo histórico. No debate aqui proposto, reconhecemos que o LD de Biologia auxilia nessa

legitimação de verdades sobre o dispositivo da sexualidade, trazendo discursos cheios de verdades que se perpetuam e influenciam a construção de identidades.

Nos livros didáticos analisados, é evidente a associação entre sexualidade e reprodução humana, não havendo orientações ou problematizações acerca da necessária distinção e aproximação entre estes conceitos. É possível identificar, imbricada no discurso produzido acerca de todas as modalidades de métodos contraceptivos, a responsabilização feminina nesse aspecto, com reforço do papel da medicina nesse processo de escolha, como se ao homem não fosse dada autorização para participar das decisões relativas ao controle da natalidade. Sendo o papel do homem na contracepção apagado no discurso presente no LD, os "não ditos" reverberam a determinação de papéis sociais para homens e mulheres previamente estabelecidos. Assim, "a feminilidade e a masculinidade não são constituídas propriamente pelas características biológicas. Mas, sim, por tudo que se diz ou representa a respeito destas características" (LOURO, 2001, p. 70). São discursos que se formam a partir de enunciados oriundos do binarismo de gênero, no qual os pares feminino/masculino ou fêmea/macho se apresentam a partir dos saberes biomédicos, e exercem poder sobre os corpos, norteando condutas, silenciamento do prazer sexual e a patologização de identidades de gênero fora da norma binária.

Nesse sentido, quando a abordagem feita pelo LD se reduz a informações do campo biomédico, fixando padrões de normalidade "[...] terminam não cumprindo com a tarefa de apresentar a informação da ciência de forma complexa, nem contribuindo para modelos educativos calcados numa versão da ciência que também é política e interessada" (RIBEIRO, et al., 2017, p. 81). Assim, é fundamental que sejam implementadas ações na perspectiva de uma Educação para a Sexualidade como prática

> [...] que visa a refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como 'únicas' possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades. A dúvida da certeza, a transitoriedade das convicções, as possibilidades de colocar-se em xeque diante do novo [...] são algumas das possibilidades de uma perspectiva da 'educação para a sexualidade' (XAVIER FILHA, 2009, p. 96-97).

Por fim, reiteramos que entendemos o currículo, a escola e, por consequência, o livro didático, como territórios em que circulam narrativas e saberes sobre pessoas que

participam da consolidação de significados sobre a sexualidade. Desse modo, tem sido proposta, na contemporaneidade, uma educação das sexualidades "[...] que permita que os/as alunos/as reflitam e discutam temáticas tais como a diversidade sexual e de gênero o enfrentamento ao sexismo e a homofobia, as diversas formas de se produzir os corpos e de se vivenciar os prazeres e os desejos" (RIBEIRO, et al., 2017, p. 84).

*Referências*

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**: Ilha de Santa Catarina, 2005, p. 9 – 16.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Edifício em construção ou em ruínas: dos usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na contemporaneidade. In: SOUZA, Kátia Menezes; PAIXÃO, Humberto Pires (Org.). **Dispositivos de Saber/poder em M. Foucault:** biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios, 2015.

AMABIS, José Mariano. **Biologia moderna**: Amabis & Martho. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.

COLLING, Leandro. O que perdemos com os preconceitos. In: **Revista cult**: dossiê-ditadura heteronormativa, São Paulo-SP, Editora Briantine, n.202, ano 18, p.22-25, junho/2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza de ALBUQUERQUE, de; GUILHON ALBUQUERQUE, J. A. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 18 ed. São Paulo: Graal, 2007.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987a.

_____. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987b.

_____. "Sobre a geografia". In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 153-165.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 283-317, jan./jun. 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na Análise de Discurso:** diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando; PACCA, Helena. **Biologia Hoje**. v. 1, 3. ed, São Paulo: Ática, 2016.

LOPES, Sônia; ROSSO, Sérgio. **Bio** v. 3, 3. ed, São Paulo: Saraiva, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos *queer*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 135-142.

_____. "Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

_____. Sexualidade e gênero na escola. In: BRAUN, M.C. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 69-73.

_____. **Sexualidade, gênero e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACEDO, Elisabeth. Esse corpo das ciências é o meu? In: MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; SERRA, Márcia; AMORIM, Antonio Carlos. **Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff, 2005. Parte 4. p. 131-140.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. (Re)ler Pêcheux Hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: EDUNICAMP, 2003.

NAVARRO, Pedro. Dispositivo da sexualidade, discurso da mídia e o corpo feminino. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Org.) **Dispositivos de poder em Foucault:** práticas e discursos na atualidade. Goiânia: Letras do Cerrado, 2018. p. 173-196.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos.** Campinas: Pontes Editores, 2010

RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; VILAÇA, Tereza. O ensino de Biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. **Bio-grafía. Escritos sobre la Biología y su enseñanza**. v. 9, n.16, 2017, p. 77–86.

SILVA, Benícia Oliveira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011. p. 521-533.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Revista Periódicus**, 2015.

_____. Sexualidade, gênero e corpo no contexto de políticas de educação no Brasil. **Suplemento Exedra**, 2014, p. 26-45.

SILVA JÚNIOR, César da; SASSON, Sezar; CALDINI JÚNIOR, Nelson. **Biologia**, volume 2. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

SILVA, Liza Manuela Martins e; SANTOS, Sandro Prado. Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de ciências e Biologia. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC**. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, SP, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

XAVIER FILHA, Constantina. "Educação para a sexualidade: carregar água na peneira?". In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Meri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. p. 85-103.

Recebido em setembro de 2020.

Aceito em janeiro de 2021.